

**Saussure, Benveniste, Bakhtin: em torno de um acontecimento –
entrevista com o Prof. Eduardo Guimarães / *Saussure, Benveniste,
Bakhtin: About an Event – An Interview with Professor Eduardo
Guimarães***

Verli Petri*
Heitor Pereira de Lima**

Eis que nos deparamos com a desafiadora tarefa de apresentar nosso entrevistado, o professor Eduardo Roberto Junqueira Guimarães¹. Entendemos que há diversas formas de fazê-lo e todas dariam a ver, de alguma maneira, a potência de seu percurso nos Estudos da Linguagem. Uma trajetória que pode ser reconhecida no ineditismo de suas pesquisas acadêmico-científicas (artigos publicados em periódicos, capítulos de livro, livros, projetos de pesquisa, etc.); na profícua carreira na docência e na formação de mestres, doutores e pós-doutores; na excelência de seu trabalho na formulação e no desenvolvimento de políticas científicas institucionais; na repercussão de sua atuação na Anpoll² e na Abralin³; no incansável trabalho junto às agências de fomento à pesquisa, tais como na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), para citar algumas; na influência de seu trabalho em Universidades brasileiras⁴, dentre as quais se destaca a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na atuação como pesquisador do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Laboratório de Estudos Urbanos (LABEUB), lugares de onde pôde contribuir de maneira crucial para a fundação do

* Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/DLV, Campus Sede, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3132-3438>; verli.petri72@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Programa de Pós-graduação em Letras, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; CAPES, Código de Financiamento 001; <https://orcid.org/0000-0002-3247-4847>; oiheitorlima@gmail.com

¹ Agradecemos a Kelly Guasso pela atenta leitura e pelas valiosas sugestões.

² No período compreendido entre 1996 e 1998, o professor Eduardo Guimarães foi presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), juntamente com a professora Margarida Maria Taddoni Petter. Disponível em: <https://anpoll.org.br/2022/ex-presidentes/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

³ Associação Brasileira de Linguística, na qual foi conselheiro.

⁴ Além da sua contribuição em universidades na França e na Argentina.

Laboratório CORPUS⁵, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ao qual nos filiamos atualmente; bem como na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), a que se vincula como Professor Visitante. De fato, poderíamos recorrer a tantos itens constitutivos de seu currículo⁶, disponível na plataforma *Lattes*, e teríamos páginas e páginas de registros de sua vasta produção. Como isso não é possível, nos reservamos o direito à “escolha” de trazer, em suas palavras, que ao trabalhar com Semântica, “dedicasse ao estudo da designação e dos nomes, com atenção particular para os nomes próprios; ao estudo da argumentação; e à caracterização do espaço de enunciação”; e no âmbito da História das Ideias Linguísticas “tem trabalhado com a história dos estudos do Português, com a análise de noções e conceitos como civilização, empréstimo e história, com a política de línguas e com a análise histórica do estruturalismo”.

Da nossa posição de analistas de discurso de vertente materialista que trabalham com a História das Ideias Linguísticas e investigam a história das palavras por uma perspectiva discursiva, reconhecemos que muitas são as palavras – e suas direções de sentido – das quais poderíamos nos apropriar, fazendo delas “nossas palavras”, para dizer sobre esse pesquisador brasileiro tão importante para nós e para o Brasil. No entanto, sabemos que usar as palavras “certas” (ou lutar com elas) é uma luta vã ou como nos ensina Carlos Drummond de Andrade, no poema *Lutador*, “lutar com as palavras é a luta mais vil” (2012, p. 215). Sendo assim, achamos mais prudente recorrer às palavras de amor a Minas, desse mineiro de Itabira (MG) para apresentar um outro mineiro, este de Prata (MG), cidade no interior das Minas Gerais.

*Minas não é palavra montanhosa
É palavra abissal
Minas é dentro e fundo
As montanhas escondem o que é Minas.
No alto mais celeste, subterrânea,
é galeria vertical varando o ferro
para chegar ninguém sabe onde.
Ninguém sabe Minas. A pedra
o buriti
a carranca
o nevoeiro
o raio*

⁵ Disponível em: <https://www.ufsm.br/laboratorios/corpus/informacoes-gerais>. Acesso em: 21 jan. 2024.

⁶ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8015275228271541>. Acesso em: 20 jan. 2024.

*selam a verdade primeira,
sepultada em eras geológicas de sonho.
Só mineiros sabem.
E não dizem nem a si mesmos o
irrevelável segredo
chamado Minas.
(Drummond, 1992, p. 433).*

Para essa edição da Revista *Bakhtiniana*, convidamos o professor Eduardo Guimarães para nos falar um pouco sobre o trabalho de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin em torno das questões da língua e da linguagem. Assim, compreendemos esse dossiê, organizado pelos professores Valdir do Nascimento Flores e Pierre-Yves Testenoire, como um acontecimento que nos dará a conhecer um pouco mais sobre o trabalho do mestre genebrino, do linguista sírio-francês e do pensador russo, ao passo que revela os pontos que os aproximam e os distanciam teoricamente. É da posição de cientista da linguagem, interessado na enunciação como prática política da maior importância, que nosso entrevistado se dispõe a refletir sobre as questões que propomos. Muito obrigado, professor! Com a palavra: Eduardo Guimarães.

Entrevista

1) Professor Eduardo, gostaríamos de começar nossa entrevista propondo uma reflexão sobre a noção de língua. Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin assumiram essa noção como objeto de estudo, o que possibilitou diferentes abordagens teóricas que hoje são tão caras aos estudiosos da linguagem. Diante da posição teórica desses pesquisadores, qual ponto (ou quais pontos) os unem ou qual ponto (ou quais pontos) promovem afastamentos entre eles, quando elegemos a noção de língua?

Pensar relações (de proximidade ou de diferença) entre esses três autores como personagens da história dos estudos da linguagem nos leva a uma diferença fundamental. Para Saussure e Benveniste, a língua é um sistema semiológico de oposições que Saussure caracteriza expressamente como social, e Benveniste, no momento em que ele pensa a questão em um texto mais expressamente teórico (“Semiologia da Língua”⁷), vai caracterizar esse sistema como semiótico. Para Benveniste, o modo de significar deste

⁷ Benveniste, Emile. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães et. al. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 43-67. [1969]

modo semiótico é distinto de um outro modo de significação, o semântico, que ele vai considerar como do plano da enunciação. Temos neste caso uma filiação de Benveniste a Saussure, e Benveniste busca colocar algo que para ele falta em Saussure: pensar o funcionamento da língua. Uma outra diferença é que para Saussure a língua é social, e para Benveniste há uma relação entre língua e sociedade, sobre a qual ele fala em mais de um momento.

Pensando um pouco mais especificamente, como disse acima, em Saussure e Benveniste temos a considerar que ambos caracterizam a língua semiologicamente. É isto que leva Saussure à caracterização da língua como um sistema de oposições, estudado numa ciência (a Linguística) que faz parte da Semiologia. Benveniste procura então avançar nesta caracterização semiológica da língua distinguindo dois modos que significam, o semiótico (enquanto sistema de oposições) e o semântico (que se produz pelo funcionamento a língua na enunciação).

Saussure não está assim diretamente presente nas pesquisas da enunciação, mas se pensamos que Benveniste leva em conta esse cuidado com os fundamentos, tal como Saussure, ele vai manter a posição saussuriana, neste particular, e procurar encontrar os fundamentos para o estudo não só da língua, mas de seu funcionamento na produção do sentido, ou seja, a enunciação.

Quanto a Bakhtin, temos que considerar que seu trabalho é decisivamente dedicado aos estudos de textos literários. São amplamente conhecidos seus estudos sobre a obra de Dostoiévsky e Rabelais, por exemplo. Nestes estudos, ele faz análises extraordinárias do funcionamento literário, sempre considerando a questão da linguagem, o modo de funcionamento da linguagem. Neste em particular, ele formula o conceito de polifonia. Ele distingue textos literários que são polifônicos e textos literários que ele considera como não polifônicos. Neste modo de enunciação do texto literário (a polifonia), o que o caracteriza é que as falas dos personagens se configuram por não terem uma voz dominante, que dirige, que apresenta as personagens. Isto não ocorre nem mesmo com a voz do narrador em narrativas em terceira pessoa. É o caso de romances de Dostoiévski, por exemplo. Nele a voz do narrador é só uma voz entre as outras, é uma voz ao lado das vozes dos personagens. Vou então considerar a questão da língua nas teorizações sobre a linguagem que ele faz no quadro de sua teoria dos gêneros em *Estética*

da criação literária⁸. Nesta obra, encontramos uma formulação que dá outro lugar para o conceito de língua. Ele, ao falar dos usos da linguagem, ligados aos diversos “campos da atividade humana”, nos diz, por exemplo, que estes usos, cujas formas são multiformes, “não contradiz a unidade nacional de uma língua” (Bakhtin, 2006, p. 262). Ou seja, a língua é considerada numa relação política entre povo, nação e língua. Em outro ponto de suas considerações, nesta mesma obra, ele nos diz “Além do mais, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – palavras e orações” (Bakhtin, 2006, p. 269). Ou seja, a língua é um sistema de palavras e orações. Mesmo que a noção de sistema aqui não tenha a caracterização saussuriana, coloca-se a questão de uma sistematicidade de elementos como palavras e orações.

2) No capítulo 3, “Saussure após meio século”⁹, presente na obra *Problemas de linguística geral I*, Benveniste afirmou que “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, presente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí” (Benveniste, 1998, p. 35). Os estudos saussurianos foram importantes para a construção teórica de Émile Benveniste. A partir da atual produção acadêmico-científica brasileira, como o senhor interpreta a presença (ou ausência) de Saussure em pesquisas do campo da Enunciação?

A rigor, a presença nos estudos da enunciação é de Benveniste. A presença de Saussure se dá pelo fato de que, para Benveniste, a enunciação é o funcionamento da língua, enquanto sistema de oposições (o que ele traz do pensamento saussuriano). Saussure opõe a língua, objeto da Linguística, à fala, ato individual, e assim não considerada nas descrições da língua, objeto de Saussure.

Por outro lado, observa-se que os estudos da enunciação se desenvolvem em outros domínios das ciências da linguagem como, por exemplo, a Análise de Discurso, por um lado, e a Pragmática, por outro. No caso da Análise de Discurso, a enunciação é fundamentalmente afetada pelas condições de produção e pela ideologia. No caso da

⁸ BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.

⁹ BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 34-49. [1963]

Pragmática, o sentido de enunciação está ligado à noção de sentido como intenção e aí a noção de enunciação é o ato de dizer essa intenção.

Na verdade, o que vemos, quanto ao domínio dos estudos da enunciação, é uma concepção de enunciação formulada numa linha de filiação a Benveniste, que convive com outras conceituações de outros campos teóricos. Entre elas, além das que citei acima, as posições formuladas pelo Círculo de Bakhtin.

Portanto, pensando a questão relativamente a Saussure, Benveniste e Bakhtin, considero que há uma noção, um conceito de enunciação que se apresenta em Benveniste e Bakhtin, embora de modos diferentes.

Benveniste, levando a sério o cuidado com os fundamentos de Saussure, vai se dedicar a colocar os princípios da enunciação a partir dos fundamentos saussurianos que constituíram a Linguística (enquanto Semiologia) como ciência da língua. Assim, define a enunciação como a colocação da língua em funcionamento por um locutor. Em Benveniste, a enunciação é a apropriação que o locutor faz da língua fazendo-a funcionar. Portanto, a enunciação é um pôr em funcionamento a língua produzindo significação, produzindo o que Benveniste chama de modo semântico da significação.

Diversa disso é a posição de Bakhtin. Para ele, a enunciação é a produção de enunciados na comunicação discursiva. De um lado, a enunciação se define como a ação de dizer enquanto comunicação; de outro, o enunciado se define como o que começa quando alguém se põe a dizer e termina quando ele para e outro começa a dizer. O enunciado é definido como “a real unidade da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2006, p. 274). E ele caracteriza assim o enunciado: “os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes” (Bakhtin, 2006, p. 275). E diz logo a seguir: “Todo enunciado tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros” (Bakhtin, 2006, p.175).

Claramente estas não são questões para Saussure. Ele se dedicou fundamentalmente a tratar da língua e assim produzir um conceito linguístico do signo que vai levar à definição da língua como um sistema de signos. O que aparece como do plano do dizer é a fala, que não é parte do objeto por ser individual. Assim Saussure coloca os fundamentos para uma Linguística não histórica (afastando-se da Linguística

do século XIX) e põe em pauta a questão da língua como caracterizada por seu caráter semiológico, pelo fato de que significa. E coloca, nessa medida, a Linguística no cenário das disciplinas científicas, no domínio das ciências.

Benveniste, de sua parte, vai tomar estes fundamentos e, ao refletir sobre eles, vai fazendo análises que trazem para a cena a enunciação (veja seus artigos na seção “O homem na língua”, por exemplo, reunidos nos dois *Problemas de linguística geral* (Benveniste, 1988; 1989). Ele vai assim estudar de um lado a enunciação que está inscrita no sistema da língua e, de outro, como o ato de fazer a língua funcionar. Ou seja, as questões de Saussure aparecem transfiguradas pela noção de enunciação que para Benveniste é também objeto da Linguística.

3) “Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (Benveniste, 1989, p. 31). Por meio dessa afirmação de Benveniste, presente na obra *Problemas de linguística geral I*, como o senhor compreende a conjugação de língua e sociedade na produção saussuriana e bakhtiniana?

Benveniste diz logo no parágrafo anterior àquele em que está a frase citada na pergunta acima: “Fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano” (Saussure, 1970, p. 31). A relação de uma pessoa a outra e de um ser humano e o mundo não é natural. O caráter simbólico da linguagem é o que torna isso “possível”. E Benveniste, de sua parte, nos faz ter presente que o que caracteriza a linguagem é seu caráter semiológico. Não é nem uma relação com as coisas nem com o pensamento. São relações que podem se fazer em virtude da característica fundamental da linguagem, para ambos, seu caráter simbólico. O sistema da língua é um sistema simbólico.

Ou seja, só há sociedade se há linguagem e se há sociedade é porque há linguagem. Dizendo de outro modo, isso é um dos elementos que dão o fundamento a toda a reflexão de Saussure. Assim os sistemas de signos são sociais e enquanto tal tornam possível a relação dos seres humanos e destes com o mundo, com as coisas, na sociedade.

Bakhtin constitui seu pensamento opondo-se àqueles que, segundo ele, não levam em conta a comunicação, ele cita especificamente Humboldt e Vossler (ver Bakhtin, 2006, p. 270), por exemplo. Ou seja, a posição desses dois autores, segundo ele, traz “o pleno desconhecimento, ao menos subestimação da função comunicativa da linguagem”

(Bakhtin, 2006, p. 270), sendo, então, a linguagem considerada só do ponto de vista do falante. A isso ele opõe a consideração de que aquele a quem se fala tem na comunicação uma “ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (Bakhtin, 2006, p. 271).

Mais especificamente, Bakhtin diz: “Essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início [...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta e [...]: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, 2006, p. 271). Está aqui o dialogismo de Bakhtin que trata, a seu modo, as relações sociais pela linguagem.

4) Professor Eduardo, a palavra tem sido um conceito que vem movendo nossos interesses de pesquisa nos últimos anos. Em nossos trabalhos, a tomamos num batimento entre língua e discurso a partir da sustentação teórica da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas. Considerando a noção de palavra nos estudos saussurianos, benvenistianos e bakhtinianos, o senhor poderia nos falar um pouco sobre o funcionamento de tal noção nestes autores?

Começo por Benveniste. Podemos dizer que há uma noção de palavra que aparece na sua produção sobre o léxico do indo-europeu. A palavra enquanto um termo no léxico de uma língua. Só como exemplo, encontramos, no início do capítulo 2, “Do vocabulário das instituições indo-europeias”, o seguinte: “o termo latino *uerrēs* faz parte de um conjunto de palavras que designa uma espécie particular, a porcina” (Benveniste, 1995, p. 25). Mais à frente, no capítulo 3, encontramos: “o primeiro termo é uma velha palavra do vocabulário comum [...]” (Benveniste, 1995, p. 35).

Por outro lado, há a posição de Benveniste expressa em “Os níveis da análise linguística”, em que ele define a palavra pensando nas relações nos diversos níveis do enunciado: “a palavra pode assim definir-se como a menor unidade significativa livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas” (Benveniste, 1989, p. 132). Ao que ele acresce: “Na prática, a palavra é encarada sobretudo como elemento sintagmático, que constitui enunciados empíricos”.

Vemos, assim, que operam na obra de Benveniste pelo menos duas noções de palavra. E nos dois casos coloca-se a questão da significação destas unidades, de um lado

pelas relações no interior do léxico, de outro pela relação de integração da palavra ao sintagma e assim ao enunciado.

Em Saussure, o termo *palavra* é usado, mas não como uma noção da teoria específica. Pois para Saussure o que se analisa é o signo, e seu trabalho fundamental é caracterizar o signo para assim tomar a língua como um sistema de signos. No *Curso*, ele nos diz algo como: “Dissemos que a palavra escrita tende a substituir, em nosso espírito, a palavra falada” (Saussure, 1970, p. 36). Aqui o termo palavra não é um conceito para constituir uma teoria ou análise específica, é um termo que se refere a estas unidades que, como falantes, encontramos no que lemos ou escrevemos ou no que falamos ou ouvimos. O termo palavra aparece também nos *Escritos de Linguística Geral* (anotações do próprio Saussure): “[...] NA PALAVRA (não é preciso considerar a língua) *courage*, é de fato, completamente indiferente, em francês, pronunciar *courir* com *r grasseyé non roulé* ou com *r grasseyé roulé [...]*” (Saussure, 2004, p. 37). *Palavra* refere aqui aos dados que as línguas nos dão e que devemos analisar teoricamente para poder analisá-las.

Por outro lado, no índice de *Estética da criação verbal*, Bakhtin coloca como um dos itens de sua obra: “O enunciado como unidade da comunicação. Diferença entre essa unidade e as unidades das línguas (palavras e orações)”. E no decorrer do texto ele diz, tal como já mostrei antes: “Além do mais, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – palavras e orações” (Bakhtin, 2006, p. 269). Ou seja, Bakhtin distingue o enunciado como uma unidade da enunciação, da comunicação discursiva, das unidades da língua, entre elas as palavras. Então, as palavras são unidades da língua, enquanto léxico e enquanto elementos das orações. Significam na relação com as condições da enunciação. E nesta medida enquanto elementos dos enunciados.

5) *Em seus estudos nas áreas de Semântica da Enunciação, História das Ideias Linguísticas, e Saber Urbano e Linguagem nos deparamos com reflexões sobre os modos de nomear e de designar, bem como o funcionamento da palavra em diferentes “espaços de enunciação”. Nesta direção, gostaríamos de saber um pouco mais sobre o processo de produção do conhecimento linguístico que o senhor vem desenvolvendo ao longo de sua carreira.*

Levando em conta o que procurei colocar nas respostas às outras questões, poderia dizer que esta minha posição se constrói a partir da posição de Ducrot – que se formula desde “As escalas argumentativas”, publicado em *La preuve et le dire* (Ducrot, 1973) –, que produz uma mudança de terreno no caminho da retomada da retórica a partir do final dos anos 1950. Ele vai colocar isso não como a retomada da retórica, mas como a colocação para a Linguística da questão da argumentação. Ducrot não vai tratar a questão da argumentação como a busca do convencimento, mas como uma significação enquanto uma relação na língua que, ao ser enunciada, argumenta. Não interessa para ele o propósito de convencimento.

Esta posição de Ducrot, a consideração do plano da enunciação de Benveniste, notadamente o que ele diz em artigo como “Semiologia da Língua”, e uma relação intelectual com o desenvolvimento da Análise de Discurso na Unicamp, me direcionaram para uma posição que, de um lado, me levaram à consideração da argumentação como sustentação de uma relação argumento-conclusão, como significação de enunciados na enunciação. O que interessa é que se sustenta uma conclusão independentemente de intenções e do resultado disso.

Paralelamente a isso, me dediquei ao estudo da designação, notadamente dos nomes. Entre outras coisas este foi um modo de não reduzir a linguagem a relações de argumentação na língua, como na Semântica Argumentativa. O que é fundamental aqui é que a designação de um nome significa algo (designa) na relação destas palavras com aquilo que se diz e esta designação torna possível referir a objetos, acontecimentos, ideias. Ou seja, a referência não é o que a palavra significa, mas o que é possível fazer pelo que ela significa. E esta significação não é algo que apresenta a referência. As palavras significam e, por significarem, por designarem, produzem identificações do que existe, designarem tal como designam, elas referem ao identificado.

Um aspecto importante, fundamental para minha posição, é que o funcionamento das línguas não se dá pela relação de um eu que fala em uma língua, mas pela relação de falantes e línguas no que considero espaço de enunciação, no qual se dão os acontecimentos de enunciação.

Quanto ao espaço de enunciação, trata-se de um espaço de relações de línguas e falantes, em que os falantes não são simplesmente pessoas que falam, mas são pessoas agenciadas como falantes pelo espaço de enunciação. Mais especificamente, o espaço de

enunciação se caracteriza por relacionar línguas e línguas, línguas e falantes, e falantes a falantes. É neste espaço que se dá a enunciação, ou seja, o acontecimento da enunciação.

Para mim a enunciação não é um ato de um falante ou locutor, mas um agenciamento dos falantes pela relação com as línguas concernidas no espaço de enunciação que produz uma distribuição das línguas em questão, para seus falantes. Este agenciamento produz o acontecimento de enunciação e constitui as relações de alocação na cena enunciativa. Isto se afasta da posição de Benveniste, para quem a enunciação é a apropriação da língua pelo locutor, fazendo-a funcionar. Desta posição de Benveniste guardo, no entanto, um aspecto dela: a enunciação é o funcionamento das línguas. Elas funcionam na medida em que os falantes são agenciados em acontecimentos específicos de enunciação.

O conceito de espaço de enunciação a que me refiro é de caráter político, pois ele considera que a distribuição das línguas nestes espaços para seus falantes é desigual. Os falantes são constituídos na relação com as línguas de modo que certas dessas relações atribuem uma dominância de certas relações língua-falante sobre outras relações, em um mesmo espaço. Por exemplo, não se é, no espaço de enunciação brasileiro, falante de português da mesma forma que se é falante de uma língua indígena, por exemplo. Assim os falantes de línguas indígenas são interditados a falar suas línguas em certas condições, tácita ou explicitamente. O que não significa que não falem nestas condições interdidadas. Esta “exclusão” leva a que estes falantes falem onde não “podem” falar, segundo esse modo de distribuição do direito ao dizer. Aqueles que são excluídos, ao falar, se afirmam no lugar de onde são excluídos. Assim há, neste espaço, por seu caráter político, no sentido em que tomo a noção de político (Guimarães, 2002; 2018), um litígio permanente entre as relações “excluídas” e a relação dominante.

Podemos pensar também nos falares do português de regiões diferentes. De modo que quando, no espaço de enunciação brasileiro como um todo, por exemplo, uma certa região recebe uma grande imigração sistemática de falantes cuja língua é considerada dominante, para esta região cuja língua local é considerada como “errada”, interditada portanto, ela passa a ser segregada pelos imigrantes que acabam por ser dominantes. Mesmo assim, os falantes locais continuam a falar como falam, ao custo de certas mudanças que vão se processando na sua língua no decorrer do tempo. Desenha-se assim,

politicamente, o contínuo processo de manutenção e mudança das línguas e seus falares (regionais, sociais).

Podemos aqui considerar, de modo mais amplo, como o português no Brasil se apresenta num processo de colonização, de natureza semelhante, mas mais intenso, ao que acabo de colocar. É nesta medida que a língua oficial do Brasil veio a ser o português e que essa língua foi nacionalizada pelo modo como foi assumida a partir da imposição da colonização. E tudo isto levou o português a ser no Brasil uma outra língua, na história da colonização, e entrou em relação com o grande número de línguas indígenas do Brasil, com toda a história que já conhecemos, constituindo o espaço de enunciação brasileiro, cheio de particularidades, que envolve também as línguas africanas e as línguas de imigração, que entram no Brasil num período mais recente.

6) Gostaríamos de agradecer por esta entrevista.

Foi um prazer!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. In: Andrade, Carlos Drummond de. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 215.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 433.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [1979]

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1995. [1964]

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução: Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attiê Figueira, Vanderson Sant'Ana Castro, João Wanderli Geraldi, Ingwedore G. Villaça Kock. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. [1970]

DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. Tradução de Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Global, 1981. [1973]

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970. [1916]

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004. [2002]

Recebido em 28/02/2024

Aprovado em 21/10/2024

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (1): e65676p, jan./março 2025

Todo conteúdo de *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0